Um indivíduo só será capaz de fumar maconha por prazer quando atravessa um processo de aprendizagem para concebê-la como um objeto que pode ser usado dessa maneira. Ninguém se torna usuário sem (1) aprender a fumar a droga de uma maneira que produza efeitos reais; (2) aprender a reconhecer os efeitos e associá-los ao uso da droga (aprender, em outras palavras, a ter um barato); e (3) aprender a gostar das sensações que percebe. No curso desse processo, o sujeito desenvolve uma disposição ou motivação para usar maconha que não estava e não poderia estar presente quando começou, pois, envolve concepções da droga que só seria possível fumar a partir do tipo de experiência real antes detalhado, e depende delas. Ao concluir esse processo, ele está desejoso e é capaz de usar maconha por prazer.

Ele aprende, em suma, a responder “Sim” à pergunta: “É agradável?” A direção que seu uso da droga assume a partir disso depende de sua capacidade de responder “Sim” a essa pergunta, e, ademais, de sua capacidade de responder “Sim” a outras perguntas que surgem à medida que toma consciência das implicações do fato de que a sociedade reprova a prática: “É conveniente?” “É moral?” Depois que a pessoa adquiriu capacidade de obter prazer pelo uso da droga, esse uso continuará possível para ela. Considerações de moralidade e conveniência, ocasionadas por reações da sociedade, podem interferir ao uso e inibi-lo, mas ele continua a ser uma possibilidade em termos de concepção que a sociedade tem da droga. O ato só se torna impossível quando se perde a capacidade de desfrutar a experiência de estar no barato, por uma mudança na concepção do usuário sobre a droga, ocasionada por certos tipos de experiência que viveu com ela.